



## **A MATEMÁTICA EM MINHA VIDA: MEMÓRIAS DE UM APRENDIZ**

**Alex Oliveira Floriano (URCA)**

alexflorianoo@gmail.com

**Orientador: Francisco Ronald Feitosa Moraes (UFC)**

ronaldmoraes@ymail.com

### **RESUMO**

O desenvolvimento desse trabalho tem por objetivo compartilhar a proposta de escrever uma narrativa autobiográfica histórica, proporcionando assim uma reflexão a cerca da trajetória quanto pessoa, aluno, profissional e principalmente a escolha profissional. Assim, conseguimos compreender que a vida não pode ser separada do modo pelo qual podemos nos dar conta de nós mesmos, durante a escrita momentos de alegria misturaram-se a momentos de questionamentos, narrar nossas histórias é, portanto, um modo de dar a nós mesmos uma identidade. E assim, reinventarmo-nos permanentemente. Fundamentado a partir das ideias de Gómez Chacón (2003), Enricone (2001), Mosquera (1987) e Josso (2004), apresento minha história de vida e formação, a partir os fatos que considero terem sido significativos para a minha construção pessoal e profissional, tais como: os momentos em família, a monitoria no laboratório de matemática, os sentimentos e emoções sentidos nas aulas de matemática, a mudança de cidade, aprovação no vestibular, a independência familiar, participação em programas e projetos ainda no início do curso.

**Palavras chave:** Autobiografia. Formação docente. Aprendizagem Matemática.

### **INTRODUÇÃO**

O Memorial se constitui em um exercício de questionamentos de nossas vivências passadas para fazer aflorar nossas recordações e lembranças, além de informações que confirmam novos sentidos ao nosso presente. O Memorial não é apenas uma narrativa de acontecimentos, mas um texto reflexivo sobre esses acontecimentos. De forma que podemos dizer que o exercício da escrita autobiográfica é uma atividade que exige uma reflexão do autor a respeito do que e como viveu, mobilizando conhecimentos, saberes, crenças, emoções e o estabelecimento de relações não necessariamente percebidas até então.

Relato neste trabalho trechos da minha história de vida, momentos que considero terem sido fundamentais para a construção da pessoa que sou hoje,

principalmente aqueles que avalio terem tidos relação direta com a escolha da minha profissão.

Inicio nos dois primeiros tópicos falando das minhas origens, voltando um pouco mais além no passado para contar o inicio da relação de meus pais, suas origens, como se conheceram e a nossa composição familiar. Fazendo essa volta exatamente para mostrar uma das justificativas pelo qual hoje moro, estudo e trabalho no Ceará. E fazendo uma narrativa da minha vida hoje.

Em seguida relembro o tempo de criança na casa de meus avos paternos, recordando alguns momentos que estavam adormecidos da memória, especialmente as brincadeiras com os primos e os momentos com os meus avos, recordações que me fizeram refletir criticamente sobre o significado delas em minha trajetória, tendo como vantagem o distanciamento espaço-temporal e subjetivo.

Continuo, falando sobre minha trajetória escolar, lembrando desde o meu primeiro ano na escola, o ensino fundamental I, em uma turma multisseriada, os anos finais do Ensino Fundamental e as minhas experiências quanto a matemática e o professores de matemática que contribuíram para as minhas escolhas.

Finalizo, com os relatos da minha vinda ao Ceará, um dos fatos que considero mais significativo para a minha construção, relato também um pouco da minha vida acadêmica, alguns projetos desenvolvidos e também minhas experiências profissionais.

De forma geral, a narrativa autobiográfica afirma-se como possibilidade de tomar a experiência humana como parte de conhecimento, passível de mensuração, análise e interpretação. Assim, essa narrativa tem o propósito fundamental de me dar vez e voz, oportunizando-me aprender, crescer e desenvolver a partir das experiências pessoais, profissionais, formativas, em um “processo de caminhar para si”, que se caracteriza, conforme Josso (2004, p. 59)

[...] como um projeto a ser construído no decorrer de uma vida, cuja atualização consciente passa, em primeiro lugar, pelo projeto de conhecimento daquilo que somos, pensamos, fazemos, valorizamos e desejamos na nossa relação conosco, com os outros e com o ambiente humano e natural.



Nesse sentido, essa narrativa autobiográfica inscreve-se, como procedimento inseparável de conhecimento e autoconhecimento, potencializando a narração da minha vida como método de pesquisa e, ao mesmo tempo, como projeto de formação, considerando que a construção dessa narrativa centrada nos percursos formativos me possibilita contar a minha própria história de vida, retomando vivências na interface entre passado e presente, individual e coletivo.

## **DAS ORIGENS**

Junho de 1981, ano em que um jovem Araripinense de 22 anos, vindo de uma família de 13 filhos, residentes em uma comunidade próxima a área urbana de Araripina, Pernambuco, chega a Campos Sales, como sempre em busca de diversão, farras de finais de semana, que por ele eram denominadas de “curriolas”. Pois bem, dessas idas e vindas e alguns amigos em comum, esse jovem conheceu uma moça simples de apenas 13 anos, de uma família de 07 filhos, nascida em Campos Sales e que em alguns dias depois começaram um namoro, que durou vários anos, que culminou em uma bela festa de casamento no dia 15 de setembro de 1985. Logo após a cerimônia de casamento o casal mudou-se para Araripina, mais precisamente Sitio Cajueiro.

Esses jovens? Meus pais, Sr José Tadeu Floriano e Dona Maria da Conceição O. Floriano, casal simples e de pouca formação escolar, ambos filhos de agricultores de poucas condições financeiras. Durante os primeiros anos de casados optaram por não terem filhos, devido a pouca instabilidade financeira. Algum tempo depois, logo quando conseguiram construir sua própria casa, exatamente em 20 de Novembro 1987, nasce o primeiro filho do casal, Cleyton lalle, depois em 20 de Outubro de 1989 o segundo filho, Eu, e, anos mais tarde em 10 de Dezembro de 1992 o terceiro e último filho, Danilo, todos nascidos em Araripina.

## **DE HOJE**

Hoje com 26 anos, resido em Campos Sales, município local de nascimento de minha mãe e onde reside minha avó materna (Dona Terezinha) e alguns tios, e



mesmo estando no “ninho” de minha família, optei por não morar com eles, talvez por querer conquistar uma independência que até então não tinha ou nunca tive.

Atualmente divido apartamento com um amigo e colega de faculdade, Bruno. Essa independência provocou algumas transformações, como ser professor pela manhã, a tarde responsável pelas atividades pertinentes aos afazeres domésticos e à noite aluno do VIII semestre do curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Regional do Cariri – URCA, Unidade de Campos Sales, provocando uma mudança de papéis, conforme destaca Mosqueira (2001, pag. 73) mostrando que estas mudanças tem uma relevância na nossa vida.

(...) nossa pessoa, independentemente de sua idade, está sempre colocada à prova, passando por crises, transformações, modificações que envolvem muitos aspectos que, às vezes, não nos damos conta e que têm uma relevância fundamental. São justamente as mudanças de papel, já que na vida adulta desempenhamos vários papéis e exigimos, para fazê-lo, grande nível de maturidade e consciência.

Após algumas outras experiências de trabalho, hoje sou professor temporário da Rede Estadual de Ensino do Ceará, na EEM José Waldemar de Alcântara e Silva, município de Salitre, onde leciono Física e Química no ensino médio.

## **DOS MEUS TEMPOS DE CRIANÇA CASA DE MEUS AVÓS PTERNOS**

“Contar é muito dificultoso, não pelos anos que já passaram, mais pela astúcia que têm certas coisas passadas de fazer balancê, de se remexerem dos lugares. A lembrança de vida da gente se guarda em trechos diversos; uns com os outros acho, que nem se misturam (...) têm horas antigas que ficaram muito perto da gente do que outras de recentes datas”.

(Guimarães Rosa)

Dos meus tempos de criança poucas são as recordações, o que sempre vem forte à memória são relances de algumas brincadeiras e momentos que tínhamos, eu, meus irmãos e os vários primos (34 ao todo), na casa de meus avós paternos. Vovô Geraldo, muito ríspido e ao mesmo tempo muito carinhoso com seus netos, ele era muito bom nos cálculos básicos de matemática, com ele aprendi ainda criança a calcular área de terrenos. Lembro que ele era muito bom nisso, e de Vovó Maria, um amor de pessoa, Vovô e Vovó como ainda os chamo.

Sempre vem à memória, eu vestido em shortinhos bem curtinhos, correndo várias vezes de minha casa até a casa de vovó, por aqueles terreiros grandes e sempre muito limpos, e entre essas idas uma era especial, todos os dias por volta das 17h40min, era a hora de jantar na casa de vovó e era “sagrado” ir comer nas bacias coloridas, sentados ou nos degraus que serviam de acesso a caixa d’água ou em banquinhos em baixo do pé de cajá, que estão lá até hoje. Nada de tão especial nessa comida, de especial somente às brigas de vovô dizendo que tínhamos de comer calados ou às vezes os “capitães de farinha com feijão” que nossa vovó fazia.

As semanas santas sempre tiveram um sabor especial, era o momento de todos os primos estarem juntos, os quatro dias eram poucos para tantas brincadeiras, tantos momentos de alegrias e lógico, de discussões sempre a respeito das regras das brincadeiras, mesmo vovó sempre dizendo que não era “dia de briga”.

Assim como todas aquelas datas especiais em que as famílias se reúnem para celebrar algo, natal sempre com o bolo que vovó fazia, ano novo, no São João sempre muito divertido entre bombas, chavinhas e fumaça das tradicionais fogueiras a bacia de alumínio que vovó trazia com água, pra saber se no próximo ano estaria vivo.

E em todos esses momentos estavam sempre presentes brincadeiras como: cipó queimado, peteca, bandeira, pega ladrão, do trisca, da roda, do grilo, peteca e pião que vovô mesmo produzia, andar de bicicleta -passávamos horas andando no sol, brincar de bola no terreiro – eu sempre sai sem um pedaço do dedão, aliás nunca aprendi, tomar banho na chuva, e fazer escorregador do Lodo que se formava atrás da casa de vovó, 1 hora depois da chuva ainda estávamos lá brincando nas lamas, às vezes até mesmo com relâmpagos e trovões, perigo? Que nada



queríamos mesmo era nos divertir, eram intensos aqueles momentos como lembrou **Daiane**<sup>1</sup>, uma das primas que sempre fazia parte desses momentos.

Eitha primo, como eram bom, momentos mágicos eram aqueles em dias de chuva na casa de vovó, lembro que reuníamos tudo quanto era primo pra tomar banho na chuva, entre e risos e brincadeiras ficávamos no meio da chuva até vovó reclamar que estava relampeando, ou se a chuva era intensa até ficarmos tremendo de frio!! Ah!!! como era bom, lembranças que estão guardadas na nossa mente e no nosso coração.

Após essas chuvas, sempre íamos pra roça ajudar Vovô Geraldo plantar, ele na frente e no mínimo uns 6 netos atrás, interesse em ajudar? Talvez, acho que o interesse maior era de brincar e no lanche que ele sempre comprava ao final de 1 ou 2 horas, Isso porque ele sempre inventava que já estava bom por aquele dia, ou que o milho ou feijão tinha acabado, só por pena de nós.

O tempo passou, todos cresceram e construíram suas famílias, maioria casados com filhos ou a espera deles, mais quase tudo continua como antes, com exceção das brincadeiras de crianças, algumas até se mantêm, ainda nos reunimos na casa de vovó Maria, sempre em datas importantes e aqueles banquinhos feitos por Vovô ainda continuam lá.

## **DOS TEMPOS DA ESCOLA**

Poucas são as lembranças do primeiro ano na escola (1995), Escola Municipal Manoel Alves Batista, Tia Dilma – Das poucas recordações, lembro de minha mãe indo nos deixar, meu irmão lalle e eu, todos os dias de bicicleta, mochilas idênticas (Azul tipo jeans e lancheira azul com uma garrafinha da tampa branca), dos momentos em sala de aula, as musiquinhas que a Tia Dilma cantava.

Entre os anos de 1997 a 2000, estudei na Escola Mun. Dionisio de Deus Lima, da 1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> séries, turmas multiseriadas, com a professora Sandra, nesse período lembro-me, que um ano estudávamos pela manhã outro ano tarde, sempre dependendo da vontade da professora.

Tia Sandra estava sempre muito cansada, vários anos de sala de aula, as aulas eram as mesmas diariamente, nada de novo, tudo era tão previsível e



repetitivo, o velho “arme e efetue as operações”, sempre 30 minutos antes do recreio, ou então um “Resolva os Problemas” e sempre após o intervalo um ditado de trinta palavras e o “escrever de 1 até tocar”. Pelo que me recorde essas foram minhas únicas experiências com matemática durante todo o ensino fundamental I, aquilo era tão repetitivo que as respostas eram quase automáticas e isso fazia-me gostar de matemática, era tão simples!

Ano de 2001, 5ª série, após 4 anos uma escola nova, EREM LUIZ GONZAGA DUARTE, vários professores e muitos outros colegas, a nova realidade me deixou muito assustado, fazer amizade era o grande problema, pela primeira vez estava dentro de uma sala de aula ao qual não conhecia ninguém. Primeira aula de matemática, algo muito diferente da matemática, que até então eu conhecia, lembro da Professora Gorete falando em maior que, menor que, pertence não pertence, vazio, tudo tão estranho, de onde vinha aquilo? como eu iria conseguir fazer? aquilo me fez ter raiva de matemática por alguns dias, o que não demorou muito, com a boas práticas da professora e com sua atenção toda especial. Alguns meses depois, a convite da professora me tornei monitor de laboratório de matemática da escola, onde no contra turno, duas vezes por semana ficava a disposição do laboratório e foi então nesse período de dois anos de monitoria que o interesse pela matemática despertou.

Segundo Gómes Chacón (2003),

A relação que se estabelece entre afetos – emoções, atitudes e crenças – e aprendizagem é cíclica: por um lado, a experiência do estudante ao aprender matemática provoca diferentes reações e influi na formação de suas crenças. Por outro lado, as crenças defendidas pelo sujeito tem uma consequência direta em seu comportamento em situações de aprendizagem e em sua capacidade de aprender.

O jeito simples com que a professora Gorete ensinava matemática e a forma delicada e descomplicada e através do incentivo, colocando-me como monitor do laboratório, me fez acreditar em mim e ver que eu era capaz de aprender matemática.

No ano seguinte, 6ª série, Professora de Matemática Leniane, maior inspiração para querer ser professor de matemática, muito proveitosas suas aulas, muito tradicional mais sempre muito clara e objetiva. Era incrível como ela fazia um



grande número de alunos gostarem de matemática. Nos anos seguintes até a 8ª série e depois no último ano do ensino médio podemos tê-la como professora. Todos os anos as suas aulas eram sempre comparadas a uma viagem em um cruzeiro, onde alguns estavam em cabine de luxo outros no porão. Eu sempre na cabine de luxo, o que me fazia querer estudar ainda mais pra permanecer.

De suas práticas, lembro-me da avaliação onde os alunos mais participativos geralmente não faziam as avaliações escritas, recordo-me desses momentos com prazer e percebo a definição de ser professor, de ser docente, conforme Enricone (2001, p.122) faz adjetiva a docência e relata a importância de nos conscientizarmos e enxergarmos o nosso potencial.

Se docência é um estado de Ser, é indispensável alcançarmos níveis mais elevados de consciência e enxergarmos, com mais clareza, o extraordinário potencial que possuímos, tornando-nos seres mais Espiritualizados, uma poderosa ferramenta de transformação em direção a uma vida docente mais plena.

Em 2007, concluí o ensino médio, na mesma escola que estudei durante todo o ensino fundamental. Ainda permanecia com a ideia de que era muito bom em matemática, mas depois entendi que não era tão simples quanto imaginava.

Sem muitas pretensões de ingressar em um curso superior, os que estavam ao meu alcance no momento e depois de um ano sem estudar, cursei o técnico de nível médio em comércio, que me “custaram” dois anos e quatro meses. A escolha do curso se deu exatamente pela afinidade do curso com a matemática.

Em 2011, após ter sido aprovado no vestibular para o curso de História na FAFOPA e decidido por não cursar, resolvi entrar no curso de normal médio, na Escola Estadual Padre Luiz Gonzaga, que tem o objetivo de formar professores de nível médio para lecionar nos anos iniciais do fundamental e foi durante os seis meses que permaneci nesse curso que despertou a curiosidade pela docência. Então não poderia ser diferente, tinha que ser na área que sempre gostei e tinha interesse, foi quando decidi inscrever-me no vestibular para o curso de Matemática da Universidade Regional do Cariri-URCA, logo em seguida abandonando o curso de normal médio.



## DA VIDA NO CEARÁ

Agosto de 2011, após ser aprovado no vestibular, mudei para Campos Sales, de início para morar com minha avó materna. Ela viajava muito e eu acabava ficando na casa da minha tia Maria Lucia. Em setembro de 2011 iniciamos de fato o 1º semestre letivo. Muitas expectativas, afinal eu tinha entrado no curso que gostava.

Já no segundo semestre do curso, fui escolhido como bolsista de extensão de um projeto que tinha como objetivo aulas de reforço para alunos da rede pública de Campos Sales, que me garantiu ainda no início da graduação o contato com a sala de aula e com ela a oportunidade de poder decidir se ser professor era realmente o que queria. Essa experiência, a princípio, pelo pouco tempo que tinha no curso, tornou-se traumatizante e quase me leva a desistir do curso, o que mudou e fortaleceu a minha decisão à medida que o projeto foi sendo desenvolvido.

Um mês após a escolha como bolsista da extensão, também fui selecionado como monitor de Matemática do Programa Mais Educação da E.E.I.F. João XXIII, dessa vez trabalharia com alunos do 5º ao 9º ano do ensino fundamental, e logo depois em 2013, tutor de matemática do Programa Jovem de Futuro na E.E.M. de Campos Sales, com essas experiências e com o pouco conhecimento teórico que adquiria em sala de aula, comecei a criar estratégias didáticas que acreditava ser as mais adequadas para que os alunos conseguissem aprender e que por algumas vezes eram inúteis e fazia com que ficasse frustrado.

Em Março de 2013, aluguei um apartamento e deixei a casa de minha família, consegui meu primeiro trabalho formal, orientador social do Projovem Adolescente, pouco distante da matemática, onde permaneci até o mês de outubro, de onde fui transferido para a sede da Secretaria de Assistência Social, desenvolvi vários trabalhos, entre os quais, visitas as famílias, junto a articulação municipal do Selo Unicef, onde trabalhei até dezembro de 2014.

Nesse mesmo período começamos a desenvolver projetos e a realização dos estágios supervisionados, tornando a nossa presença cada vez mais frequentes nas escolas. Alguns momentos ficaram marcados durante o desenvolvimento dessas oficinas e estágios, um deles o de regência no fundamental, onde ficamos aproximadamente um mês na regência das turmas, sendo entregue a nós a



organização da feirinha de matemática da escola. Proporcionando-nos além dos momentos de regência de sala a oportunidade de poder organizar um evento de matemática com todos os alunos da escola.

Anteriormente falei que achava que sabia matemática, isso porque a simplicidade que encontramos no ensino fundamental e médio deixa de existir e se mostra algo muito complexo e abstrato na Educação Superior. Mesmo assim continuo gostando de Matemática.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha pelo curso de matemática, de ser professor, não surgiu como algo jogado, porque era o que tinha, ela nasceu exatamente na oportunidade dada pela professora Gorete em ser monitor do laboratório de matemática, nas aulas claras e objetivas de Leniane e fortalecidas com seis meses de normal médio.

Atualmente no último semestre do curso, após ter feito uma “análise” dos meus primeiros passos enquanto acadêmico do curso e matemática e também como professor, pude perceber que para sermos bons profissionais é preciso reconhecer que nossa vida afetiva está ligada diretamente à profissional.

Na práxis é necessário refletirmos se estamos dando o nosso melhor para nós e para nossos alunos. O que nos habilita para novos desafios e novas possibilidades na edificação de nosso “Eu” como pessoa e profissional competente e comprometido com o desenvolvimento intelectual do meu aluno.

## REFERÊNCIAS

CHACON, I. M. G. **Matemática emocional**: os afetos na aprendizagem matemática. Trad.: Daisy Vaz de Moraes. Porto Alegre: Artmed, 2003.

ENRICONE, Délcia(org.). **Ser professor**. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação**. São Paulo, Cortez, 2004.



MOSQUERA, Juan JM. **Vida Adulta**.3ed. Porto Alegre: Sulina1987

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão**: Veredas. 20. ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.